

Brasil pode deixar de ir ao FMI, diz Rockefeller

-9 MAR 1988

RIO
AGÊNCIA ESTADO

O Brasil não precisa, necessariamente, recorrer ao Fundo Monetário Internacional (FMI) para fechar o acordo sobre a dívida externa com os bancos credores. Quem afirmou isso ontem, no Rio, foi o banqueiro norte-americano David Rockefeller, cuja família é acionista majoritária do Chase Manhattan, segundo maior banco credor do Brasil. Conforme afirmou ele, o que interessa aos bancos são medidas que possam restituir ao País a credibilidade creditícia no exterior, "não importa se através do Fundo ou por iniciativa interna". As principais, disse, seriam baixar a inflação, aumentar as exportações e acelerar o crescimento econômico de modo a consolidar uma posição mais forte externamente.

"Sei que o FMI é assunto controvertido no Brasil e creio mesmo que nem tudo o que o FMI recomendar será seguido pelo País", afirmou ele. E acrescentou: "Cabe ao Brasil decidir se vai pedir ou não essa ajuda". Rockefeller chegou a apontar a Turquia como um exemplo para o Brasil e outros países com problemas de endividamento externo. Em meados da década de 70, disse, a Turquia tinha uma grande dívida externa e atravessou sérias dificuldades com os credores durante quase três anos, até adotar medidas que



Carlos Chicarino

O banqueiro desaconselhou ida ao fundo

redundaram na recuperação da economia e na obtenção de dinheiro novo. Ele não entrou em detalhes sobre como isso aconteceu ou qual o custo desse processo para aquele país, mas deixou o seu recado: "A economia de lá vai bem, é só ver como eles conseguiram".

O banqueiro evitou comentários maiores sobre as demissões de Fernando Milliet da presidência do Banco Central e de Camilo Calazans da presidência do Banco do Brasil, mas disse que as mudanças não devem afetar o acordo da dívida, "já acertado", na opinião dele. Isso porque, afirmou, a liderança das negociações foi exercida pelo

ministro da Fazenda, Maílson da Nóbrega, enquanto "os outros davam apolo". Ele também não quis dizer a quanto monta a dívida do Brasil com o Chase, alegando estar afastado do conselho do banco — do qual foi presidente — há sete anos.

Sobre se a moratória do Brasil, a do México e a ameaça de moratória da Argentina seriam sinais da necessidade de mudança no pagamento dos juros, Rockefeller afirmou que "cada País tem problemas diferentes e, portanto, as negociações não podem ser iguais". Mas observou: "Isso não quer dizer que as atitudes individuais não influenciem outras". No entanto, disse que os países credores têm dificuldades em baixar os juros, porque estes são determinados pelos mercados mundiais. "Os países endividados querem resolver seus problemas internos e os bancos têm que dar satisfações aos acionistas e às suas fontes de financiamento. Se emprestam sem rentabilidade ou com margem baixa, correm o risco de não funcionarem mais. Tem que haver equilíbrio dos dois lados", afirmou ele.

O banqueiro, que está no País para uma reunião da Sociedade das Américas — ele é presidente do Conselho de diretores dessa entidade —, disse estar convicto de que o Brasil é um país rico e com altíssimo potencial econômico. Afirmou também que sua impressão sobre a atual equipe econômica brasileira "é muito boa" e que a maioria dos bancos acredita que o Brasil será muito importante no futuro, o que poderá ser alcançado com uma boa administração interna e externa. Sobre o acordo do Brasil com os bancos credores, limitou-se a dizer que "é melhor do que o anterior."